



SOUZA, André Ricardo de. *Os laços entre igreja, governo e economia solidária*. São Carlos: EdUFSCar, 2013. ISBN: 978-85-7600-313-7, 237 p.

Claudirene Bandini*

O livro *Os Laços entre igreja, Governo e Economia Solidária*, do professor e sociólogo André Ricardo de Souza, deriva de sua pesquisa de doutoramento apresentada, em 2006, ao Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. Autor de vários artigos científicos e do livro *Igreja In Concert: padres cantores, mídia e marketing*, André Ricardo é professor adjunto do Departamento e do Programa de Pós-Graduação de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Coordena o Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política (NEREP), e a Associação Brasileira de Pesquisadores de Economia Solidária (ABPS).

O livro começa com os agradecimentos, procedimento habitual em teses acadêmicas. Nesta página, o autor agradece a vários professores e professoras que o acompanharam ao longo de sua pesquisa de doutoramento e pós-doutorado. Entre eles estão Reginaldo Prandi, Paul Singer, Teresinha Bernardo, Lísias Negrão, Luiz Eduardo Wanderley, Eliane Gouveia, Mario Sergio Cortella e Maria Lúcia Carvalho. Os agradecimentos também estão voltados às pessoas que o auxiliaram no trabalho de campo, como a Irmã Lourdes Dill, Dom Ivo Lorscheiter, Ademar Bertucci e demais agentes da Cáritas Brasileira. Esse é o momento de reconhecer e comprovar que uma pesquisa acadêmica relevante somente se faz a partir da construção de redes sociais e abertura para o diálogo.

Em seguida, o Professor Adjunto do Departamento de Sociologia da UFSCar, Jacob Carlos Lima, realiza a apresentação do livro e o Professor Paul Singer, Professor Emérito de Economia da Universidade de São Paulo e Secretário Nacional de Economia Solidária, apresenta o prefácio.

Realizados os agradecimentos e as apresentações, começam as quase 240 páginas em que o autor transcorrerá sobre relação dialética entre Igreja Católica e Economia Solidária no Brasil. Tal relação implica o desenvolvimento de práticas despolitizadas em torno do tradicional exercício da caridade. O recente debate em torno do movimento da Economia Solidária aponta a necessidade de construção de redes entre associações de produção que resultam numa identidade coletiva a partir da noção de autogestão.

* Doutora em Sociologia-NEREP/UFSCar.

Portanto, a principal questão do autor é a da "*alteração da utopia religiosa e da ação social que dela deriva*".

Embora os sindicatos, as universidades e o poder público se destaquem como atores sociais no desenvolvimento da economia solidária, a Igreja Católica Romana torna-se o principal foco dessa pesquisa, bem como seus organismos, movimentos e pastorais sociais. O objetivo de André Ricardo é analisar o papel das organizações da Igreja no desenvolvimento de empreendimentos solidários e o que estes representam para a instituição religiosa. Porém, o estudo não deixa de lado o processo histórico e político do Catolicismo esquerdista e sua atuação e influência nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Roussef, o que torna o debate bastante atual e propício a novas aberturas de diálogos.

Para atingir seu propósito, André Ricardo apresenta de forma detalhada e cuidadosa o "*solidarismo católico*", que seria o ideário do humanismo cristão da terceira via entre socialismo e capitalismo, e sua relação com a Economia Solidária. Desta feita, o autor inicia seu percurso analítico apresentando os pais fundadores do cooperativismo na Europa, reconhecidos como socialistas utópicos; entre eles: os ingleses Robert Owen e William King, o sacerdote jesuíta sueco Theodor Amstad, o dominicano francês Louis-Joseph Lebret, o padre diocesano espanhol José Maria Arizmendiarieta. Alguns desses fundadores recebem atenção especial do autor em função da expansão do trabalho, especialmente, para o Brasil. É o caso do jesuíta Theodor Amstad, que se transferiu para o Brasil em 1885 e foi desenvolver suas atividades pastorais em Porto Alegre e interior do Estado de Rio Grande do Sul. Ao conhecer a trajetória e o trabalho desses pioneiros, o autor nos apresenta a gênese de várias políticas públicas hoje desenvolvidas em nosso país. Por exemplo: o francês François Fourier apresentava a premissa de que as pessoas não deveriam depender do trabalho para sobreviver, uma vez que uma renda cidadã deveria garantir a todos não somente a sobrevivência, bem como, a liberdade de escolha do trabalho. Segundo André Ricardo, essa seria a origem da proposta de renda mínima implementada via "Bolsa Família" pelo governo Federal. Ainda no primeiro capítulo, são apresentados os sacerdotes pioneiros de experiências autogestionárias no Brasil, especificamente na cidade de São Paulo e no Estado do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, destacou no Brasil o trabalho de frei João Baptista Pereira dos Santos, juntamente, com o artista plástico Geraldo de Barros; ambos fundaram uma comunidade de trabalho para fabricar móveis, a Unilabor. Essa comunidade de trabalho tornou-se cooperativa de trabalho e transformou-se um exemplo de projeto católico que representava a terceira via entre o capitalismo e o comunismo. Com esses pioneiros se fortaleceu a Doutrina Social, a Igreja contrapondo-se ao socialismo ateu e ao capitalismo "selvagem".

Do socialismo utópico o autor passa para a análise sobre a origem e organização interna da Cáritas Brasileira, perpassando por questões, tais como: Teologia da

Libertação, radicalização política, da caridade assistencial à caridade libertadora, os Projetos Alternativos Comunitários e economia popular solidária. Todo esse percurso fundamenta-se numa pesquisa muito bem contextualizada e escrita de forma fluida. Nem mesmo os relatos interessantíssimos de sujeitos que fizeram a história entre militância na Igreja e o Partido dos Trabalhadores, articulando fé e política, não desviaram o autor da busca por respostas às suas questões investigativas:

com menos densidade e força, o catolicismo ainda influencia politicamente a sociedade brasileira de modo significativo? Mas teria surgido algo novo no referencial ideológico católico quanto à possibilidade de mudança social em termos igualitários e democráticos? Em que medida a economia solidária decorre do catolicismo? (p.25).

André Ricardo apresenta a contextualização do universo católico de forma tão objetiva que permite ao/à leitor/a acompanhar sua reflexão acerca dos avanços e mudanças de consciência política dos militantes católicos sem que a leitura se torne densa e penosa. Seguindo a linha da contextualização, o autor pontua que, no Brasil, a Igreja passou de uma fase *tradicional popular*, isto é, com base nos ritos de devoção aos santos, para a etapa da *romanização*, na qual as imagens são afastadas do templo e o clero passa a centralizar os ritos e sacramentos. Essa mudança intensifica-se na década de 1950 com a adoção de uma mensagem moralizante. Entre os anos 1950 e 1970 ocorre a mudança de uma moral sexual e familiar para uma moral social e politizada. Surgiram as Comunidades Eclesiais de Base e desenvolveu-se a Teologia da Libertação. Esse período foi marcado tanto pelo movimento da Ação Católica, por meio da Juventude Universitária Católica e Juventude Operária Católica, quanto pelos acontecimentos político-religioso, tais como a criação da CNBB e do Conselho Episcopal Latino-Americano; a realização do Concílio Vaticano II, da Conferência de Medellín e da Conferência de Puebla. Tais eventos, além de outros, relacionam-se diretamente com as pastorais sociais e ações politizadas. Entre os anos 1960 e 1980, a Igreja Católica envolve-se em manifestações populares contra a repressão e por políticas sociais e alguns militantes participam diretamente do surgimento de organizações importantes, como a Central Única dos Trabalhadores e Comissão Pastoral da Terra, gênese do Movimento Sem Terra. A abertura democrática da década 1980 gerou um abrandamento no sentimento de rebeldia dos militantes católicos de esquerda. O universo religioso brasileiro passa por grandes transformações com o surgimento do Pentecostalismo e a Igreja Católica sofre o impacto e acaba por impulsionar o crescimento da Renovação Carismática Católica como resposta. Embora a ligação entre fé e ação política diminua e a Teologia da Libertação seja enfraquecida, o Catolicismo não deixa de influenciar a vida pública, seja por meio da CNBB, seja por meio de

agentes pastorais que assumiram cargos públicos em âmbitos municipal, estadual e federal.

A Cáritas, por sua vez, merece uma atenção especial por parte do autor, pois, como entidade eclesial responsável por realizar a caridade, ela acaba fomentado iniciativas comunitárias de produção, que mais adiante seria conhecida como economia popular solidária. A Cáritas está presente em vários países, porém sua sede fica localizada no Vaticano. Ela realiza parcerias com organismos nacionais e internacionais através do enfoque da defesa dos direitos humanos. A trajetória da Caritas no Brasil é detalhadamente apresentada destacando seus idealizadores, bem como suas “obras sociais”, fontes de financiamento e questões marcantes para se compreender o engajamento deste organismo que assume um discurso democrático e participativo frente a economia capitalista. Também se faz presente no movimento da economia solidária o papel das ONGs na intermediação entre entidades e poder público.

Por fim, o autor apresenta uma reflexão atual sobre a relação entre Igreja e política partidária e como o movimento de economia solidária se coloca mediante os universos político e religioso. De fato, a Igreja Católica continua construindo e fortalecendo espaços para as práticas caritativas, para a ação política e experiências mística e ecumênica.

Portanto, André Ricardo nos traz um processo histórico e político de entidades e sujeitos sociais que, vinculados à Igreja Católica, construíram a base de uma proposta democrática de economia solidária. Alguns percalços foram superados, outros permanecem em aberto estimulando novos debates e transformações futuras tanto na igreja quanto na sua relação com Estado e a sociedade.

Recebido: 05/02/2015

Aprovado: 29/02/2015